

PREFÁCIO

Neste ano em que comemoramos o centenário da Bauhaus, escola que mudou nosso olhar sobre arquitetura, arte e design, é fundamental debater a educação em design e seu papel nos tempos turbulentos, de grandes rupturas do mundo contemporâneo.

O maravilhoso conjunto de textos aqui reunidos corresponde a reflexões e práticas nacionais e internacionais da educação e da pesquisa em design, apresentados na 12ª edição do Seminário Internacional *Design & Educação: Desafios para o novo milênio*, ocorrido em Belo Horizonte, no ano de 2018.

Diante de tantos temas relevantes abordados, destaco: design e mundo *fuzzy*, design e intencionalidade, design e sustentabilidade.

O primeiro ponto nos remete à instigante questão relativa aos desafios para o ensino de design no mundo *fuzzy*, onde a multivalência é pervasiva, as fronteiras são fluidas e exigem de nossas escolas “um ensino, de igual modo, fluido, aberto e difuso”. Tal tema é tratado por Dijon De Moraes, que discute como ensinar design neste contexto, que vai além do pensamento binário, do sim e do não, do verdadeiro e do falso etc., predominante na cultura ocidental. É preciso ver o mundo a partir de uma perspectiva diferente, uma unidade envolvendo ao mesmo tempo o *yin* e *yang*, onde ambiguidade e dúvida também estão presentes, além de defender desconstruções de padrões impostos por modelos comerciais não familiares às operações do ensino.

Esta abordagem multivalente e *fuzzy* nos permite reconhecer a presença do design, tanto no artefato integrante da cultura vernacular quanto no produto altamente industrializado; tanto no artefato produzido por povoados remotos e culturas nativas quanto nos artefatos produzidos em metrópoles globalizadas.

No Brasil, esta observação é particularmente importante, pois, como afirmou Aloísio Magalhães, crítico atento aos processos de colonização/descolonização na educação e na prática do design, a especificidade da educação em design no Brasil é que: “Aqui, a natureza contrastada e desigual do processo de desenvolvimento gera problemas, [...] que exigem um posicionamento de latitudes extremamente amplas; a consciência da modéstia de nossos recursos para a amplitude do espaço territorial; a responsabilidade ética de diminuir o contraste entre pequenas áreas

altamente concentradas de riquezas e benefícios e grandes áreas rarefeitas e pobres. Nestas, é poderosa apenas a riqueza latente de autenticidade e originalidade da cultura brasileira”. (“O que o desenho industrial pode fazer pelo país”, 1977).

A discussão da intencionalidade no design ou, como diz Vasco Branco, a relação entre coisas e causas é outro tema relevante que dialoga diretamente com o pensamento *fuzzy*. Trata-se de uma análise sobre a natureza epistemológica e ontológica do design, onde, entre outros, o autor trata do que se pode denominar a dupla racionalidade do design: uma razão simultaneamente técnico-física-matemática e ciência social aplicada.

Ora, a racionalidade das ciências sociais está no âmbito da compreensão dos fenômenos sociais e está estruturada com base na intencionalidade, capaz de apontar para o futuro, mesmo estando diretamente relacionada ao estabelecimento de critérios e prioridades para a ação. Este tópico é de altíssima relevância na construção de prioridades para o design, que depende de reflexões sobre o futuro a partir das condições materiais do presente.

Resgatar Gui Bonsiepe, que tratou deste aspecto, ao ressaltar que o desenho industrial é uma disciplina normativa “branda”. Definindo o que é específico do desenho industrial, a essência do desenho industrial, como sendo a sensibilidade sismográfica para as necessidades materiais de uma população, mas não somente isso. Mais abrangente que outras disciplinas tecnológicas tradicionais, o desenho industrial possui a capacidade de dar uma resposta em termos materiais, com um sistema de referência cultural, com uma componente avaliativa e estética.” (BONSIEPE, 1980). Este componente avaliativo está diretamente relacionado às causas, à intenção.

No mundo de hoje, onde todos os produtos parecem já ter sido criados e produzidos, onde coexiste o abismo talvez insuperável entre a riqueza e a pobreza absoluta, mais do que nunca a dimensão do componente avaliativo é urgente. Afinal, seria o design tão somente meio de solução de problemas ou também instrumento de transformação?

Quais os desdobramentos destes aspectos no âmbito da educação-formação de recursos humanos, na área do design? Talvez um reencontro com o sentido da educação humanista da Grécia Antiga, a Paidéia, objetivando à formação de um cidadão preocupado com o futuro e questionando as desigualdades.

Como é possível recuperar esta dimensão? Ou ela está perdida para sempre numa sociedade dominada pelo fetichismo e pela gratificação imediata de seus impulsos e desejos?

Quiçá o caminho a seguir seja a reflexão sobre motivos, razões e causas que nos fizeram perder a vitalidade do sentido da educação-formação. Reflexão entendida no sentido filosófico da palavra, que significa movimento do pensamento sobre si mesmo, numa atitude interrogativa e ao mesmo tempo libertadora.

Seminários como este, mobilizando inteligências vindas de diferentes lugares, nos trazem esperança de superação da crise ambiental e ética, aguda em que vivemos, de recuperação do sentido da educação-formação e da propositura de uma agenda para o futuro da educação em design. O evento nos encorajou a todos, mantendo vivo o espírito de nossa comunidade do Design em compartilhar conhecimento.

Maria Cecilia Loschiavo dos Santos

Professora Titular da FAU — Universidade de São Paulo